

EaD versus ERE: implicações para o ensino de língua espanhola em situações de emergência

EaD versus ERE: implicaciones para la enseñanza del español en situaciones de emergencia

Tatiana Lourenço de Carvalho

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Leila Leite Santana

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Joana Darc Brasil Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Tatiana Lourenço de Carvalho

Professora Adjunta III da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ). É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) - 2021-2024. Doutora pela Universidad de Salamanca (USAL) no Programa de Doutorado Español: investigación avanzada en Lengua y Literatura. <https://orcid.org/0000-0001-7014-0875>

Leila Leite Santana

Graduanda do 7º período de Letras Espanhol e suas respectivas literaturas, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

Joana Darc Brasil Oliveira

Graduanda em Letras-Espanhol na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista PIBIC, no projeto "A EaD no ensino de línguas em situações de emergência: implicações do caso Covid 19 no contexto da UERN" - 2020/2021.

Recebido em:
31/08/2021

Aceito em:
25/04/2022

JAN / ABR 2022
ISSN 2317-9945 (on-line)
ISSN 0103-6858
p. 49 - 61

RESUMO

A pandemia ocasionada pelo coronavírus (COVID-19) tem afetado a sociedade em diferentes esferas e na educação não tem sido diferente. Devido ao isolamento social exigido nesse contexto, foi necessário a adoção do ensino remoto emergencial como forma de minimizar os impactos da pandemia no contexto escolar. Assim, as atividades educacionais, antes totalmente presenciais, passaram a ser realizadas através de tecnologias digitais. Neste sentido, tratamos, neste artigo, das estratégias empregadas para desenvolver e aperfeiçoar as ações didáticas em situações emergenciais no ensino de língua espanhola. Pretendemos, no estudo em questão, mais especificamente: descrever as especificidades da Educação a Distância e do Ensino Remoto Emergencial comparando-as e propor orientações para aulas de língua espanhola considerando as especificidades da utilização dos recursos on-line durante situações de emergência. Neste sentido, o estudo é relevante tanto para os docentes que queiram tirar maior proveito tecnológico em suas aulas, como para as instituições educativas que precisam, cada vez mais, estar preparadas para a inserção de tecnologias digitais em seus contextos de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

EaD. ERE. Língua Espanhola

RESUMEN

La pandemia provocada por el coronavirus (COVID-19) ha afectado a la so-

cidade em distintos ámbitos y en la educación no ha sido diferente. Debido al aislamiento social requerido en este contexto, fue necesario adoptar la enseñanza remota de emergencia como una forma de minimizar los impactos de la pandemia en el contexto escolar. Así, las actividades educativas, antes totalmente presenciales, comenzaron a realizarse a través de tecnologías digitales. A este respecto, en el artículo en cuestión abordamos las estrategias utilizadas para desarrollar y mejorar las acciones didácticas en situaciones de emergencia en la enseñanza de español. Pretendemos, en el estudio en cuestión, más específicamente: i) describir las especificidades de la Educación a Distancia y la Enseñanza Remota de Emergencia, comparándolas y ii) proponer pautas para las clases de español considerando las especificidades del uso de recursos en línea durante situaciones de emergencia. En este sentido, el estudio es relevante tanto para los docentes que quieran aprovechar mejor la tecnología en sus clases, como para las instituciones educativas que cada vez más necesitan estar preparadas para la inserción de las tecnologías digitales en sus contextos de enseñanza y aprendizaje.

PALABRAS CLAVE

EaD. ERE. Lengua Española

1. Introdução

Já sabemos que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão cada vez mais inseridas em diversas esferas da sociedade, bem como, no ambiente educacional, principalmente no ensino superior. Esses recursos tecnológicos vêm sofrendo mudanças ao longo dos anos, uma vez que, quando tratamos de tecnologia, sempre há novidades. Desse modo, o digital se torna uma das peças fundamentais na Educação a Distância (EaD), visto que, tal modalidade faz uso de diferentes ferramentas on-line. No atual momento, tais recursos tecnológicos também passaram a fazer parte do ensino remoto emergencial (ERE) e, mais recentemente, com o retorno, em algumas cidades, aos espaços físicos das instituições de ensino, também de modo híbrido, naqueles contextos em que as aulas eram presenciais antes da pandemia.

O uso dos recursos tecnológicos na sala de aula ou fora dela com foco no ensino e aprendizagem, tem despertado interesses de estudos na área de Letras, como os que lidam diretamente com o ensino e a pesquisa em línguas materna e/ou estrangeiras tais como Araújo e Pereira (2020); Carvalho (2018 e 2020a); Ribeiro (2019 e 2020); Pimentel e Carvalho, 2020; Paim (2019); Baptista (2013); Aretio (2007) e Marcuschi (2005). Tais práticas de linguagem na internet e as questões geradas em torno da comunicação mediada por computador, smartphones, tablets etc. vem levando esses e outros pesquisadores a buscar compreender os impactos dessas formas de comunicação *on-line*, em especial através dos gêneros textuais digitais (GTD) tais como: *e-mails*, *chats*, *blogs*, *e-fóruns* entre outros, no ensino e aprendizagem, especialmente o de línguas.

Além do exposto nas ponderações anteriores, destacamos que os motivos que nos levaram à realização deste trabalho estão ligados diretamente a nossas experiências em pesquisas prévias no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pois já estudávamos sobre o ensino

de espanhol na modalidade a distância desde meados de 2018 no contexto acadêmico onde atuamos como professora, no caso da primeira autora do texto, e pesquisadoras em formação como bolsistas de iniciação científica, as coautoras. Também, em virtude do impacto do que vem ocorrendo no Brasil e no mundo atualmente, mais precisamente com a paralisação e a adaptação para o sistema *on-line* de algumas atividades em nosso país, desde março de 2020, devido ao grande número de pessoas infectadas pelo coronavírus (Covid-19), decidimos realizar este estudo vivenciando essa realidade de ERE.

Ainda no começo da pandemia, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN finalizou seu semestre 2019.2 através da “modalidade a distância” no mês de março de 2020, pois a instituição já vinha com um calendário acadêmico comprometido devido a greves anteriores. Isto foi uma surpresa para todos, uma vez que tanto docentes como discentes tinham pouca ou nenhuma experiência prévia quanto a utilização de recursos tecnológicos em sala de aula. Assim, os professores, os técnicos e os demais profissionais dessa e de outras instituições de ensino em nosso país tiveram que buscar estratégias para continuar seu trabalho de forma *on-line*.

Desde então, alguns serviços foram retomados e se adaptaram à realidade de se conviver em uma pandemia. Alguns, considerados essenciais, continuaram se dando de forma presencial seguindo os protocolos sanitários. Outros seguiram de forma remota até que começasse a distribuição de vacinas em massa, como foi o caso das atividades de ensino no âmbito acadêmico da UERN. Nesta universidade, o semestre letivo 2020.1, previsto originalmente para ter começado em 16 de março de 2020, só teve início no dia 31 de agosto de 2020 e por meio de tecnologias digitais, situação que permaneceu até o março de 2022, conforme calendário de retomada aos espaços físicos da instituição de ensino superior (IES) em questão.

Levando em consideração tal contexto descrito até aqui, buscamos com o nosso estudo, entre outros aspectos, tentar acabar com o mito, que ainda circula em diversos veículos de comunicação, ou pelo menos circulava antes da pandemia, incluso na academia, de que o ensino na modalidade a distância não é tão bom, que a EaD não oferece cursos de qualidade e que oferece uma formação inferior se comparados aos da modalidade presencial, que não se aprende tão bem através da EaD etc. Entendemos que experiências de sucesso ou não existem tanto no ensino presencial como a distância por diversos motivos que não cabem descrever aqui por não ser propósito deste estudo. No entanto, todo o processo educativo, para ser minimamente bem-sucedido, precisa de estrutura e suporte institucional adequados, planejamento, formação prévia e continuada do docente, dedicação e condições estruturais de aprendizagem por parte do discente entre outros aspectos.

Considerando o contexto de comunicação *on-line* e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem de línguas, temos, portanto, como objetivo principal da pesquisa em questão analisar as características da EaD com o intuito de comparar com as do ERE da atualidade para, por fim, elaborar propostas didático-metodológicas para situações emergenciais de ensino de língua espanhola, especialmente considerando a estrutura do âmbito acadêmico da UERN. De forma específica, neste artigo,

descrevemos as especificidades da EaD e do ERE e, por último, propomos orientações para as aulas de espanhol considerando as especificidades dos recursos virtuais que circulam na web, mais especificamente, durante o contexto emergencial no qual vivemos durante a escrita deste trabalho (agosto de 2021), por conta da pandemia.

2. EaD hoje e as principais semelhanças e diferenças em relação ao ERE¹

No que diz respeito à legislação brasileira, o conceito de Educação a Distância no país foi especificamente abordado, quase dez anos depois da LDB de 1996 que apenas citou uma breve definição de EaD que permaneceu, em essência, no Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que trata especificamente dessa modalidade de ensino no país:

Art.1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

Esta definição de Educação a Distância foi complementada pelo primeiro parágrafo do mesmo artigo, onde se destacava que a EaD deveria ter, obrigatoriedade de momentos presenciais; daí a denominação “semi-presencial” para caracterizar tanto os cursos presenciais com atividades a distância, quanto os cursos a distância com atividades presenciais. No entanto, embora a legislação brasileira referente à modalidade de EaD tenha buscado garantir a presencialidade em atividades como avaliações, seminários, utilização de laboratórios ou, simplesmente, o uso das instalações do polo de apoio para estudos independentes por parte dos alunos, no momento da escrita deste artigo, por conta da pandemia e, também, por falta de investimentos na educação, esses espaços encontram-se fechados.

No que se refere à resolução Nº 1, de 11 de março de 2016, a modalidade em questão foi redefinida da seguinte forma:

Art. 2º Para os fins desta Resolução, a educação a distância é caracterizada como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica, nos processos de ensino e aprendizagem, ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, de modo que se propicie, ainda, maior articulação e efetiva interação e complementaridade entre a presencialidade e a virtualidade ‘real’, o local e o global, a subjetividade e a participação democrática nos processos de ensino e aprendizagem em rede, envolvendo estudantes e profissionais da educação (professores, tutores e gestores), que desenvolvem atividades educativas em lugares e/ou tempos diversos.” (BRASIL, 2016).

1 Conforme realizávamos os estudos no grupo de pesquisa, vimos a necessidade de incluir um novo objetivo de pesquisa no intuito de traçar um paralelo entre Educação a Distância e Ensino Remoto Emergencial uma vez que havia muita confusão, no início das aulas remotas, respeito ao ensino emergencial em detrimento da EaD.

No artigo em questão da resolução de 2016, é feita uma complementação sobre as funcionalidades da EaD, a fim de estabelecer a relação entre o desempenho dos profissionais envolvidos no processo educativo, as políticas de acesso e as avaliações compatíveis dentro da modalidade. Destaca-se, ainda, a presença de complementaridade entre encontros presenciais e virtuais, além de ressaltar o papel da modalidade na inclusão digital, no que diz respeito à participação democrática dos sujeitos educativos em rede.

No que se refere à ênfase dada à distância física entre professor e alunos como uma das principais características dessa modalidade de ensino, vale enfatizar que essa concepção pode gerar o equívoco de que o ensino e a aprendizagem não ocorrem de forma eficaz na EaD. No entanto, é justamente essa distância física que permite aos discentes e aos docentes criarem seus próprios horários de estudo e trabalho, favorecendo uma maior flexibilidade e, claro, adaptados ou adaptáveis a cada contexto individualmente.

Para o sucesso de formação por meio da EaD são necessárias a organização e o trabalho colaborativo de uma equipe profissional multidisciplinar que faça parte do processo de planejamento e produção do material didático em um momento anterior ao seu uso durante o período letivo de forma adequada. Além disso, a estrutura do curso oferecido e o material didático exigem linguagem e organização específicas, utilizando predominantemente recursos tecnológicos de diversas mídias, o que chamamos de transposição didática. Para isto, deve-se levar em consideração que existem muitos profissionais envolvidos em salas de aulas virtuais para que a EaD aconteça: cientistas da computação, pedagogos, professores das áreas específicas das aulas, tutores etc.

Diferentemente do que acontece na EaD, no Ensino Remoto Emergencial (ERE):

Ao contrário das experiências de aprendizagem planejadas, projetadas para ser online e/ou remotas desde o início, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma mudança temporária nas práticas educacionais devido a circunstâncias de crise. Trata-se da utilização de recursos tecnológicos digitais ou não para a educação totalmente a distância que, em outro contexto, se daria presencialmente ou de forma híbrida e que retornará ao seu modo original quando a situação de crise ou emergência terminar (CARVALHO, 2020b).

Dito de outra maneira, o ERE, especialmente no Brasil, passou a ser algo inédito na nossa realidade escolar quando passamos a nos deparar com a situação de emergência sanitária na qual vivemos durante a pandemia, o que nos obrigou a realizar nossas práticas de ensino e aprendizagem totalmente de forma remota impossibilitados, até o presente momento no qual escrevemos esse trabalho, de irmos aos espaços físicos institucionalizados das escolas e universidades. Da mesma forma, outros setores da sociedade passaram a um redimensionamento do trabalho, seja de forma remota ou híbrida.

Vivenciando essa realidade de crise sanitária, não podemos considerar as aulas remotas uma modalidade de ensino, uma vez que se trata de uma solução que pode ser rápida, de ser acessível e temporária para as institui-

ções. Normalmente, é empregado em um relativo curto período a depender da realidade de crise à qual a sociedade foi inserida. Diferentemente da modalidade de EaD que tem sua estrutura e metodologia pensadas para garantir o ensino e o aprendizado a distância desde sua concepção e início das aulas, o ERE não pode ser considerado uma modalidade educacional, por ser algo momentâneo. Quando nos referimos à EaD, deve ser levado em consideração que, por se tratar de uma modalidade, possui um modo de funcionamento próprio planejado e estruturado com concepção didático-pedagógica bem definida e com estudos já bastante consolidados sobre seu funcionamento.

Há casos de escolas, por exemplo, que se anteciparam no envio de materiais impressos para os alunos ou seguiram com esse tipo de envio por considerar que, dessa forma, podiam atender aos estudantes que, porventura, não tenham o acesso tecnológico em casa. Enfim, este é só um dos fatores que envolve um outro conceito muito em voga, atualmente, que é a falta de inclusão digital, sobretudo, das classes sociais menos favorecidas economicamente ou moradores de regiões do país, onde a internet de qualidade, ainda, não chegou.

Vale ressaltar, ainda, que como esse contexto da pandemia se trata de uma modificação radical, no planejamento pedagógico, que teve que adaptar-se a essa realidade repentina, nem as escolas, nem os professores estavam preparados para enfrentar essa realidade num novo cenário de incertezas. Por isso, corroboramos com a ideia de que o que aconteceu e, ainda, está acontecendo é um planejamento pedagógico *in real time* (em tempo real) (TOMAZINHO, 2020).

Nunca as escolas tiveram que experimentar tanto em contexto brasileiro, assim como gestores e professores tiveram que tomar decisões tão rápidas. O técnico em informática (TI) da instituição nunca foi tão estratégico e requerido para a educação como está sendo agora. Isto porque o currículo da maioria das instituições de ensino não havia sido construído para ser aplicado remotamente, assim como a maioria dos profissionais da educação não receberam formação para o uso de recursos on-line na escola, nem através de ferramentas digitais. No entanto, é importante destacar que entendemos que o conhecimento que já se tem a partir da EaD puderam contribuir e tem auxiliada para servir de alguma base e/ou orientação prática no ERE.

Dentre as semelhanças que existem entre a EaD e o ERE uma das que mais se destaca é o fato de que ambas exigem, tanto de alunos como de professores, o acesso a uma internet de qualidade e a diferentes recursos computacionais como o próprio celular, *tablet* e/ou *notebook*, além de acesso a *webcam* e fones de ouvido para os encontros via videoconferência.

Em ambos os contextos, a utilização de gêneros digitais para a interação professor e aluno, tais como *e-mails*, fóruns, *chats*, videoconferências, *WhatsApp* e os presentes em diferentes redes sociais, se dá constantemente para que propósitos comunicativos didáticos sucedam. Além do ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) que cumpre a função de uma sala de aula *on-line*.

Tanto na EaD como no ERE, há a recorrência de momentos síncronos e assíncronos. Neste sentido, é importante destacar que deve haver um equi-

líbrio entre essas duas formas de interação *on-line*. No entanto, reconhecemos que, em muitos contextos, sobretudo no começo da pandemia em escolas da rede privada e em alguns cursos de pós-graduação, por exemplo, as aulas simplesmente migraram da sala de aula presencial para o computador via videoconferências, através de ferramentas como o *Google Meet* ou o *Zoom*, sem a devida adequação ao contexto de uso dessas tecnologias.

É importante destacar também que o processo educacional que se dá de forma *on-line* requer um maior preparo dos docentes e maior autonomia discente no que se refere ao ensino e à aprendizagem e à realização de tarefas. Ao mesmo tempo em que pode gerar uma certa preservação da face e dos espaços, pois, dependendo de como a disciplina seja planejada e oferecida e de como os alunos se organizem para participar das aulas, terão certa autonomia e liberdade na organização de seus locais e horários de estudos.

Apesar das duas formas de ensino, EaD e ERE, necessitarem da tecnologia para sua efetivação, há muitas diferenças entre elas. Neste sentido, vale ressaltar que:

O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância não podem ser compreendidos como sinônimos, por isso é muito importante, no contexto que estamos vivendo, clarificar esses conceitos. O termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado (BEHAR, 2020, s.p).

Diferente do ERE, conforme descrito na citação anterior, a EaD é uma modalidade que professores e estudantes já têm consciência de como será sua progressão desde o início do curso. Além do mais, a modalidade a distância possibilita mais flexibilização aos alunos, visto que a maioria das aulas são, predominantemente, assíncronas.

Os conteúdos e materiais didáticos da EaD são disponibilizados com antecedência e todos já são padronizados conforme metodologia própria do curso. As aulas são planejadas e ministradas por um professor e têm o acompanhamento de um tutor. Ressaltamos, ainda, que a EaD se assemelha ao ERE por apresentar o mesmo modelo virtual de execução, mas se distancia, essencialmente, porque o ensino a distância tem um planejamento prévio e não foi criado para substituir aulas que originalmente seriam presencialmente, assim como o ERE tem sido. Além do mais, no remoto, os professores não contam com a presença de tutores.

No contexto de crise sanitária, observamos que tanto professores como estudantes sofreram com as adaptações ao ERE, visto que a demanda de trabalho, em comparação com as aulas presenciais, passou a ser bem maior. Os docentes tiveram e estão tendo que se reinventar para planejar as aulas virtuais. Sendo assim, os conteúdos e materiais didáticos passaram a ser personalizados de acordo com a situação de cada escola, professor, turma e suporte virtual.

Infelizmente, “(...) pelo fato de o ERE ser realizado a distância, pode ocorrer uma confusão com a EaD, que é definida como uma modalidade educacional em que o processo de ensino e aprendizagem se dá com o uso

de meios e tecnologias da informação e comunicação” (ROSS et al., 2021, p. 6). Nesse sentido, mesmo ainda existindo essa má interpretação do que venha a ser a EaD e o ERE, diante do que foi exposto até aqui, é perceptível a necessidade de deter essa confusão, incluso em muitos ambientes educacionais, para evitar que isso comprometa o processo de ensino e aprendizagem em ambos os contextos. Com o fim de evitar esta confusão, é necessário promover a ampla divulgação do que são essas formas de ensino e aprendizagem e analisar o contexto em que elas são pertinentes.

Por fim, durante o momento de crise sanitária, não podemos dizer que há um “jeito de ensinar e aprender” melhor do que outro, pois reconhecemos que o ERE não é o ideal para suprir as necessidades da educação básica e superior presencial e, muito menos, a EaD é a modalidade para a qual as escolas migraram durante a pandemia e que se adequa ao perfil de todos os estudantes e professores. Esta já existe há mais de cem anos no país e mantém seu foco no público adulto e autônomo em seu processo de aprendizagem. Assim, o ERE, como o próprio nome já diz, tem sua funcionalidade como prática indispensável para que sejam minimizados os impactos negativos do contexto de emergência ou crise no ensino. Não se trata de substituir uma coisa pela outra, mas sim de aproveitar o melhor que as tecnologias podem oferecer nos diferentes contextos educacionais.

2.1. ORIENTAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA EM FORMATO REMOTO

Na presente seção, discorreremos sobre as orientações para o desenvolvimento de aulas de línguas estrangeiras, sobretudo o espanhol, no Ensino Remoto Emergencial considerando as especificidades dos recursos on-line para o ensino e a aprendizagem em contextos de impedimentos para o acontecimento das aulas presenciais.

Na primeira orientação, recomendamos utilizar os recursos educacionais on-line que são, alguns, já bastante utilizados na EaD, porém no ERE foram atualizados e disponibilizados por meio de diversas plataformas digitais. No caso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por exemplo, a IES adquiriu um pacote da empresa *Google*, o *G Suite for Education*, que tem como ferramentas, o *Gmail*, o *Classroom*, o *Meet*, o *Drive*, a *Agenda*, os *Documentos*, os *Formulários*, as *Apresentações*, o *Jamboard*, entre outros. Para ter acesso a elas, cada pessoa que está vinculada à instituição, precisa ter um e-mail com o domínio da faculdade, para acessar essas ferramentas. Uma das vantagens de uso do *G Suite* está relacionada à variedade e à relativa facilidade de capacitação especializada oferecida às instituições que contrataram o pacote. Além do mais, há uma diversidade de materiais e tutoriais disponibilizados na rede tanto pela própria *Google*, como por professores mais experientes.

A segunda orientação, consiste na formação prévia e continuada dos professores e alunos quanto à utilização dos recursos on-line disponíveis para o ERE, assim como deve acontecer nos cursos em EaD, pois saber como utilizar tais ferramentas, facilita o estímulo à criatividade do professor e à aprendizagem mais prazerosa por parte dos alunos. Com aulas interativas,

também se pode despertar mais o interesse discente em participar. Neste ponto, pode-se agregar, ainda, a necessidade de uma efetiva inclusão digital tanto de professores como de alunos. Isto tem muito mais a ver com formar para o uso tecnológico em diferentes setores da sociedade do que simplesmente “dar” aparelhos eletrônicos que muitas vezes entram rapidamente em obsolescência.

Para a terceira orientação, centralizamos nossos direcionamentos na alternância de momentos síncronos e assíncronos, por parte dos professores ao planejarem as aulas. Assim, o aluno teria um tempo a mais para estudar e responder possíveis atividades, além de interagir em foros de debates que sejam elaborados previamente pelos docentes para promover o diálogo de forma assíncrona através dos AVEA, o que oportuniza conciliar os afazeres domésticos e outras atividades que, porventura, tanto professores como alunos tenham que experimentar na rotina domiciliar.

A quarta orientação está direcionada tanto a alunos como a professores e consiste, na medida do possível, em procurarem um local apropriado, em suas casas, para desenvolver atividades de estudo e trabalho, pensando na possibilidade de barulhos externos serem minimizados, por exemplo, com o uso de fones. Assim, se busca evitar a desconcentração e a perda de foco no momento que estiverem em aula síncrona. Além do mais, é importante criar uma rotina de estudos em horários determinados apenas para a realização desses exercícios, uma vez que a navegação em outras páginas da internet deve ser evitada durante as aulas.

Mais especificamente na organização de horários de estudos, centramos a quinta orientação. Durante o contexto pandêmico, acabamos procrastinando deixando muitas atividades cotidianas para depois, o que evidencia uma negligência com a vida acadêmica, laboral ou, até mesmo, de autocuidado. Muitas vezes, inclusive, achamos que vamos cumprir com todos os compromissos e acabamos nos enchendo de afazeres, diante da facilidade de acesso a cursos, workshops, congressos, eventos on-line e outros, o que pode transformar a rotina acadêmica em algo extremamente enfadonho. Com isto, cremos que se deve construir uma rotina com horários bem definidos para estudar e/ou trabalhar, para que se possa sentir ativo, no entanto sem que essa rotina seja exaustiva. Deve-se evitar, portanto, com essa postura, inclusive a possibilidade de doenças psicológicas, além das físicas por passar o dia todo em uma mesma postura diante de uma tela em casa.

Pensando no tempo em que passamos estudando ou em aula na frente do computador, *smartphone* ou *tablet*, elaboramos a sexta orientação ressaltando que são de suma importância as pausas entre uma atividade e outra, uma vez que, igualmente ao que acontece nos encontros presenciais, precisamos de intervalos e descansos. Neste sentido, acreditamos ser de extrema importância que os professores evitem aulas síncronas demasiado longas e sem intervalos. Recomendamos no máximo 1 (uma) hora de encontro síncrono ininterrupto. Se for necessário mais tempo, um intervalo de, pelo menos, 15 (quinze) minutos entre os blocos de aulas ajuda a descansar a mente e a recompor a concentração evitando, assim, a fadiga virtual.

Na sétima orientação, propomos que o professor não obrigue os alunos a estarem com a câmera ligada a todo tempo, pois, muitas vezes, os discen-

tes podem estar com uma má conexão à internet como acontece, infelizmente, com muitos alunos da UERN ou porque o local onde podem estudar em casa é compartilhado com outras pessoas, havendo a possibilidade de muito movimento por trás dele e, até, da invasão de privacidade. Estes são só alguns dos fatores que podem ser levados em conta, quando o aluno diz que não pode ligar a câmera. No entanto, para evitar a sensação de solidão por parte do professor, pode-se combinar previamente com os alunos momentos pontuais para que todos liguem a câmera para a realização de alguma atividade colaborativa. Em um determinado momento da aula, por exemplo, com hora agendada para a intervenção de cada aluno interagindo sobre os conteúdos das aulas.

Para a elaboração da oitava orientação, mais direcionada aos estudos da linguagem em si, nos centramos nas quatro habilidades de comunicação: leitura, escrita, escuta e fala. O professor poderá utilizar ferramentas de fora do ambiente virtual digital oficial da escola, para complementar suas aulas e trabalhar de forma autêntica as 4 (quatro) habilidades em língua espanhola. O *YouTube*, por exemplo, pode servir tanto para praticar a escuta, quanto a leitura ao se acrescentar a legenda. Outros sites educacionais e alguns grupos especializados de redes sociais, também, podem ser sugeridos para a consulta, por terem o foco no ensino e aprendizagem de línguas, além de perfis de vários professores que utilizam suas redes para ensinar e compartilhar conteúdos educacionais, especialmente os que focam na comunicação em língua espanhola.

A nona orientação consiste na flexibilização de acesso a informações culturais e atualizadas que a internet possibilita. Uma vez que estamos estudando e trabalhando conectados à rede mundial de computadores, há uma facilidade em solucionar questões e dúvidas ou, até mesmo, a busca por materiais autênticos que possam agregar ao ensino do espanhol, pois quando estamos na modalidade presencial, muitas vezes, os espaços físicos das universidades não têm rede *wifi* disponível para essas consultas, nem bibliotecas com livros atualizados. Neste sentido, cabe ao docente orientar os alunos onde buscar informações fiáveis, mas também aos discentes desenvolverem o letramento digital apropriado para a pesquisa e o estudo, sem distrações, através da tela.

Na décima e última orientação, destacamos o quanto é importante para o aprendizado de uma língua estrangeira, como é o caso do espanhol, a possibilidade de comunicação síncrona e/ou assíncrona com falantes proficientes da língua em estudo, hispano-falantes de diversas partes do mundo, facilitada pelo acesso à internet. Neste sentido, com os recursos digitais conectados, é possível que o professor planeje uma aula síncrona com convidados falantes de língua espanhola para que seus alunos tenham um contato mais direto e que possam praticar a oralidade e audição nessa conversação, ou até mesmo planejar suas aulas síncronas e disponibilizar material enviado *on-line* com conteúdos atualizados disponibilizados na rede por meio desses hispano-falantes, que também podem ser professores de espanhol de outras instituições de ensino. A utilização de aplicativos móveis como *Duolingo*, *Babbel* e muitos outros que possibilitam a aprendizagem de línguas e o acesso a conteúdos diversos para praticar o idioma, também é uma proposta interessante que pode ser incentivada pelos pro-

fessores. Além da participação em grupos no *Whatsapp* ou *Telegram* com aprendizes, professores e nativos da língua espanhola para que possam trocar conhecimentos praticando assim a leitura, a escrita, a fala e, também, a compreensão auditiva

3. Conclusão

Com base nas reflexões desenvolvidas ao longo desse artigo, é importante ressaltarmos que apesar das dificuldades envolvendo o ERE, é necessário deixar claro que, através dele, foi possível conhecer novas formas de ensinar e aprender que poderemos, incluso, levar para o período pós-pandemia. Diversas ferramentas como as do G-suite, por exemplo, que até então eram desconhecidas para o nosso contexto universitário passaram a ser vistas como potentes recursos educacionais. Por sua vez, os estudantes tiveram que desenvolver sua autonomia considerando que necessitaram de mais organização e dedicação aos momentos de estudo em casa.

Reforçamos, ainda, que para obter os resultados desejados nos processos formativos por meio das tecnologias digitais de comunicação e informação, seja na EaD, seja no ERE, é necessário levar em consideração a necessidade de realizar um bom planejamento, ter suporte institucional, formar continuamente os professores, contar com o compromisso e a dedicação por parte dos alunos nos cursos. Afinal, os recursos tecnológicos por si só não garantem o sucesso na educação.

Podemos, ainda, concluir que o ERE adotado em meio a pandemia da Covid-19 ocasionou várias mudanças com necessidades de adaptações, principalmente, na inserção das tecnologias digitais como aliadas à sala de aula. Devemos mencionar, também, que a responsabilidade do professor aumentou, pois sabemos que as desigualdades existentes em nosso país afetam o acesso às tecnologias, ficando ainda mais visível, durante esse contexto pandêmico, que as instituições de ensino necessitaram se reinventar e se adaptar o que exigiu maior tempo de planejamento para a execução das aulas síncronas e assíncronas.

Também, foi apresentado ao longo do artigo que EaD não é o mesmo que ERE. Sabemos que ambas as formas de ensinar e aprender necessitam de planejamento e execução, principalmente por meio das TDIC, porém, na primeira, desde a matrícula, os alunos já devem conhecer previamente como se dá a aprendizagem na modalidade. Diferente do que acontece na segunda que, como o próprio nome já expressa, as aulas ocorrem em situações emergenciais. Por fim, considerando que essas duas formas de ensino e aprendizagem podem ter eficácia suficiente, conforme os contextos específicos de sua abordagem, é propício tratá-las respeitando suas diferenças para que se saque maior vantagem em cada uma delas. Ressaltamos, ainda, a importância da luta pelo direito de acesso à tecnologia por parte de todos, pois como já sabemos a internet está cada vez mais presente no cotidiano, deixando de ser um luxo para ser uma necessidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia Silva Rosas de; PEREIRA, Paulo Ricardo Ferreira. **Os desafios do ensino remoto na educação básica**. Entrevista com Denise Lino de Araújo. Revista Leia Escola, Campina Grande, v. 20, n. 1, 2020.

ARETIO, Lorenzo García. (Coord.). **De la educación a distancia a la educación virtual**. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.

BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. O ensino da escrita em ambiente virtual de aprendizagem (AVA). In.: ARAÚJO, Júlio César; ARAÚJO, Nukácia Meyre Silva. **EaD em tela: docência, ensino e ferramentas digitais**. Campinas: Pontes, 2013, p. 143-162.

BEHAR, Patricia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-adistancia/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005. **Diário Oficial da União**, 20 dez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 1, de 11 de março de 2016. Estabelece Diretrizes e Normas Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1 mar. 2016.

CARVALHO, T. L. **La enseñanza de la escritura en ELE en la EaD brasileña: análisis y orientaciones didácticas**. 2018. 322 f. Tese (Doutorado em Español: investigación avanzada en Lengua y Literatura) — Facultad de Filología, Departamento de Filología Hispánica da Universidad de Salamanca, Salamanca, 2018.

CARVALHO, T. L. Propuestas de actividades y procedimientos metodológicos practicados en la enseñanza de la escritura en ELE en la EaD. **Revista (Con)Textos Lingüísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 516-536, 2020a.

CARVALHO, T. L. Reflexões sobre os (des)acertos no Ensino Remoto Emergencial. Conferência no **Workshop de formação de professores**, 1, 2020, Redenção: Núcleo de Línguas (NucLi) – UNILAB, 2020b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital, In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção ao sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Tecnologias digitais no ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista da Abralin**, v. 18, n. 1, 2019, p. 02-26.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Aprendizagem online é em rede, colaborativa: para o aluno não ficar estudando sozinho a distância. In: **SBC Horizontes**. 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. Do fosso às pontes: um ensaio sobre natividade digital, nativos Jr. e descoleções. Revista da Abralín, v. 18, n. 1, 2019, p. 01-24.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tudo o que fingimos (não) saber sobre tecnologias e educação. In: **Blog da Parábola Editora**. 2020. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/sobre-tecnologias-e-educacao>. Acesso em: 18 ago. 2020.

ROSS, Andréa Duarte, et al. **Ensino Remoto Emergencial durante a pandemia de COVID-19**: a visão dos professores de escolas de Línguas de Curitiba sobre o ensino com crianças. EmRede-Revista de Educação a Distância, v. 8, n. 1, 2021.

TOMAZINHO, Paulo Henrique. 2020. **Ensino Remoto Emergencial**: a oportunidade de a escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar>. Acesso em: 18 ago. 2020.